



Erupções

Victor Anselmo Costa

Caminho ou vou de ônibus? A reunião do Centro Acadêmico sempre se prolonga, atropela todos os outros afazeres. Tenho que aprender um pouco do descompromisso. Mais uma vez serei o último a chegar no colégio, o atrasado. Não se eu for de ônibus. Ou de bici, que não tenho. Se eu for de ônibus, no entanto, não terei muito o que contar naquele maldito exercício de escrita. A escola é tão pertinho, nem dará tempo de sentir muita coisa. Se eu for a pé pode ser que até aconteça algo relevante para uma narrativa, como encontrar um obstáculo intransponível no caminho, um imenso e dourado cavalo solto no terreno baldio. Se eu for de ônibus, não tem cavalo nenhum. E ainda tem a passagem. Pagar tanto para andar tão pouco? Ai, se essa for minha única preocupação até chegar à escola, vou escrever o quê afinal? A mortal inquietude do jovem universitário que não sabe se locomover na própria cidade? Como se isso fosse tema para um escrito. Como se desse força suficiente para o parto do texto. Não, a folha de papel não perdoa. Tenho de falar sobre as grandes questões: como, por exemplo, a liberdade dos cavalos nos terrenos baldios. A brancura da folha exige; ou se trataria apenas de sujá-la, com trechos disformes e incoerentes?

Agora já estou dentro do ônibus. Arrependido, está tudo parado. Não adianta descer, já paguei. Se eu tivesse ido a pé... Um certo professor que tive no ensino médio disse: “Cada passo é uma tentativa frustrada de empurrar o mundo para trás”, se referia, é claro, a alguma lei secular da física. Até sobre isso eu poderia falar,

se tivesse ido a pé, mas agora estou no ônibus. E o que é pior, daqui não se vê cavalo nenhum. Os passos dos cavalos, a galope, estes sim, estes empurram o mundo para trás. Com eles não tem frustração nenhuma. Poderíamos até inferir mediante simples contas matemáticas que, se todos os cavalos do mundo constituíssem manada única e por unânime deliberação equina marchassem para o norte, se tivessem razões para isso, ou o oriente, para onde sempre se têm razões para marchar, este exercício nos mostraria a eficácia dos cavalos de empurrar o mundo para trás. Erupções por toda a parte.

Desço do ônibus. Já posso ver o portão do colégio. Lá dentro estão me esperando. Eu, este corpo-ainda-fora-da-escola, prestes a me tornar, eu mesmo, um corpo-na-escola, não mais corpo-aluno, nem ainda corpo-professor, mas ainda assim um corpo-na-escola. Poderia até dizer um *corpo-PIBID-na-escola*. E um corpo-PIBID-na-escola não é como um corpo-cavalo-no-terreno-baldio. Isto porque o corpo-cavalo-no-terreno-baldio é galope, trote e relincho e o corpo-PIBID-na-escola é...

Victor Anselmo Costa é licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente atua, como colaborador, junto ao grupo de pesquisa “Coletivo Tecendo: cultura, arte, educação”, nesta mesma instituição. E-mail: vanse.costa@gmail.com